



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Adorno 50 anos depois: por que ainda é preciso falar em negatividade e em dialética?

Por: Benito Eduardo Maeso¹

benito.maeso@ifpr.edu.br

*Seeing more and feeling less/ Saying no but meaning yes
This is all I ever meant/ That's the message that I sent
(I Can't Give Everything Away – David Bowie)*

Este evento celebra os 50 anos da *Dialética Negativa*, talvez a obra máxima de Theodor Adorno (dividindo para alguns este posto com a *Teoria Estética* e a *Dialética do Esclarecimento*), se é que pode-se falar em celebrar ou comemorar alguma coisa quando o assunto é o pensamento de Adorno, considerado (injustamente) um filósofo pessimista, difícil, até um pouco hermético.

Conceitualmente, é possível elaborar um tipo de mapa geral ao se fazer a análise da estrutura da obra. Descrita por Adorno como uma “metacrítica da *prima philosophia*”, a *DN* estabelece sua força em um diálogo simultâneo com as filosofias de Kant e Hegel, assim como seus objetos de interesse iniciais residem no conceito de *experiência filosófica* (presente na introdução), na oposição da distinção kantiana entre númeno e fenômeno e na rejeição da construção do Espírito Absoluto hegeliano. Em especial neste trecho, Adorno deseja apresentar

¹ É doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, é Mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo – USP e Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. É servidor público federal, docente de Filosofia do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT, lotado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, campus da cidade de Curitiba. É Coordenador no Projeto de Pesquisa sobre Grupo de estudos e pesquisas em Filosofia e ensino de Filosofia e Coordenador do Projeto de Pesquisa sobre Lugar e identidade. É integrante dos Projetos de Extensão sobre O túnel da Filosofia e Horta escolar e comunitária e feira dos agricultores familiares no campus. Em 2014 recebeu Destaque com o painel “Manicômios, prisões e granjas”, no Instituto Federal Catarinense. É Coorganizador do livro “Filosofia Contemporânea: Artes, Ciências Humanas, Educação e Religião” (2013) e coautor dos livros “Estética Moderna e Contemporânea” (2017) e “Filosofias da diferença” (2015).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ao leitor um novo impulso filosófico: o papel fundamental da experiência do heterogêneo, do não-idêntico, no processo de elaboração do pensamento crítico-dialético.

Ao apostar no não-idêntico como motor do pensar, Adorno afasta de seu sistema a lógica da razão que opera com centro em um sistema de conceitos. Este postulado se desdobra em algumas possibilidades: em primeiro lugar, Adorno coloca o pensamento da não-totalidade e do jogo como os reais elementos que constituem o ato de filosofar, granjeando assim posição superior à totalidade e a essência absoluta. Em consequência, a não-identidade e sua multiplicidade diferencial (ou potencial de desintegração) assumem a primazia sobre a identidade. Dialeticamente falando, Adorno assume posição clara contra a pseudo-unidade hegeliana, aceitando dialéticas heterogêneas que buscam romper o reinado da totalidade, ou seja, investindo no que será chamado por ele de Dialética Negativa.

Mas o que nos interessa agora é entender como este processo conceitual surge e o que significa. Um pouco da história do livro é necessária para entendermos sua magnitude: sua origem remonta a algumas conferências apresentadas por Adorno no Collège de France, no início da década de 1960, a convite de Merleau-Ponty. Tendo estes cursos como ponto de partida, as aulas de Adorno na Universidade de Frankfurt, ao longo desta mesma década funcionam como desenvolvimento dos temas e das diversas partes do livro. Vale notar que, por ser uma verdadeira personalidade pública na Alemanha do pós-guerra, os cursos de Adorno foram assistidos por centenas de pessoas, entre estudantes, ativistas, intelectuais, políticos e artistasⁱⁱ.

Assim, a *Dialética Negativa* mostra em si mesma o registro de um tipo único de esforço intelectual: uma teoria que assumidamente se constrói em confronto constante com os desafios que o tempo presente lhe estabelece. Ao mesmo tempo, ecoa e interpela elementos e problemáticas que já estavam sob o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

foco do radar intelectual de Adorno desde o princípio de sua produção. Como exemplo, a crítica ao capitalismo avançado das sociedades administradas e o embotamento do pensamento que lhe caracteriza está presente já na frase de abertura da obra: “A filosofia, que um dia pareceu ultrapassada, mantém-se viva porque se perdeu o instante de sua realizaçãoⁱⁱⁱ”. Já não há mais – e há muito tempo - a esperança de uma teoria ou razão que liberte as pessoas por mágica de seu cativo na sociedade administrada, mas também sumiu a fé em uma prática revolucionária que surta o mesmo efeito.

O bloqueio desta saída atirou a filosofia em um limbo - afastando-a da pretensão do idealismo alemão em criar um sistema que abarcasse a sociedade como um todo - e paradoxalmente abriu espaço para a construção de uma imagem especular deste todo pelo próprio capital. Conforme MUSSE (2015), o recrudescimento conservador dentro da própria filosofia é associado por Adorno com o retorno da tradição da filosofia da identidade que ele detecta tanto no par antitético *positivismo-idealismo*, como na busca por uma metafísica “purificada” ressignificando a relação ser-ente e até mesmo nas tentativas de assentar a dialética nas ciências naturais ou na ação revolucionária do proletariado.

Mas a questão principal que a leitura de Adorno nos desafia é: por que falarmos em dialética hoje em dia? E por que uma dialética negativa? O que é esse negativo do qual tanto se fala e talvez tão pouco se entenda?

Se o diagnóstico adorniano está correto e o capitalismo domina a sociedade a tal ponto que a esperança em uma sociedade justa onde a filosofia poderia se realizar está perdida, a *Dialética Negativa* promoveria um “minucioso acerto de contas com a tradição filosófica”^{iv}. Ao trazer para a arena nomes como Bergson, Husserl, Sartre e Heidegger, Adorno busca indicar as falhas destes programas filosóficos em suas promessas de redenção e justiça.

A crítica de Adorno é, em suas palavras, anti-metodológica, uma tentativa de proceder metodicamente sem método. A dialética negativa é um anti-método,

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

na tradição de um anti-herói, um anti-drama, o que faz o que deve ser feito mesmo que não seja o mais agradável ou pelos motivos nobres aos quais o idealismo remeteria. Se a sociedade justa se mostra até agora impossível, a promessa do idealismo e de qualquer filosofia que sistematize a realidade, assim como de filosofias que busquem pensar de forma puramente afirmativa ou positiva, é, para Adorno, recair no mito ou na ideologia. É este o coração de sua crítica a Bergson na introdução da obra: o descarte do sal dialético em prol da imediaticidade dos dados da consciência recairia no idealismo e no retorno ao uno que pretensamente se buscaria abandonar. Da mesma forma, a primazia do objeto em Heidegger é criticada por que reclamá-la, na visão adorniana, ainda é reconhecer a primazia de uma identidade, seja ela qual for. Para Adorno, mesmo após a transformação do capitalismo em “mundo administrado”, mesmo depois dele se tornar uma racionalidade de mundo, não é possível explicá-lo supondo-se que as determinações características da sociedade seguem o modelo – delineado pelo idealismo alemão – de um sujeito unitário.

Manter a mesma visão sobre a filosofia e sobre sua relação com o mundo seria revertê-la à ideologia. A história da filosofia seria, por fim, uma estória de ideologias.

O que é a Dialética Negativa?

Antes de responder esta questão, é preciso entender o que está sendo chamado de dialética por Adorno e como a dialética negativa busca simultaneamente subverter tanto o conceito de dialética como o de não-identidade e o de negativo. Trata-se de uma tentativa de manter o poder crítico, negativo da dialética hegeliana mas sem aceitar o passo da síntese do espírito absoluto ou totalidade imanente^v. Sua aposta, em vez de recorrer a elementos exteriores ou teleológicos (Espírito, História), é voltar-se ao entendimento dos objetos em si de forma imanente, revelando assim a não-identidade entre objeto e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pensamento (não se trata de retornar ao ser, mas de abandonar o ser no outro). Pensar buscando o divergente, não a coincidência. Conforme Adorno,

Seu nome não diz inicialmente senão que os objetos não se dissolvem em seus conceitos, que estes conceitos entram por fim em contradição com a norma tradicional da *adequatio*. (...) é o indício da não-verdade da identidade, do fato de que o conceito não exaure a coisa concebida^{vi}.

Dialética, como método e filosofia, é “a ciência das leis gerais do movimento, tanto no mundo externo quanto do pensamento humano^{vii}”. Ou seja, é a explicitação de que há sempre um conjunto de relações entre os elementos que compõem a realidade: nada pode ser entendido de forma isolada ou fora da “totalidade dialética”, isto é, fora de uma estrutura da qual tudo e todos fazem parte. Porém, isso não significa que esta estrutura seja totalizante.

A dialética negativa significaria, em sentido estrito, “a autoconsciência da submissão da subjetividade à sua prisão categorial, a crítica da mutilação dos indivíduos pelo cativado social moldado pelo aparato de autoconservação^{viii}”. Simultaneamente, a negatividade funciona como forma de intervenção material na positividade do real, combatendo a pretensão tanto da filosofia positivada como da dialética idealista de partir da subjetividade para entender a totalidade da experiência.

Se a dialética negativa ataca a filosofia especulativa, também critica violentamente o fracasso da dialética materialista de “realizar na história a identidade entre sujeito e objeto^{ix}”. A impossibilidade de sucesso da revolução coloca o pensamento emancipatório frente à necessidade de autorreflexão crítica. A filosofia somente pode sobreviver se sua crítica ao idealismo e o positivismo carregar dentro de si o reconhecimento da ruína das esperanças não realizadas, de suas tentativas de realização na história.

Desta forma, de uma crítica à teoria do conhecimento, passa-se a uma crítica severa à sociedade. Se as filosofias da identidade expressam a



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

convergência entre a tradição do pensamento e a lógica de dominação, como já levantado, é tarefa da filosofia apontar saídas a este problema pela ênfase no não-idêntico mas sem abdicar deste poder do negativo, trazendo à baila novamente uma questão fundamental para os pensadores da Teoria Crítica: a busca de formas para a emancipação do ser humano contra a opressão da sociedade administrada.

É impossível abarcar o todo pelo simples pensamento da mesma forma que é impossível alterar as condições materiais apenas com a ideia. Citando Adorno, a “dialética é a ontologia do estado falso^x”. Não é a dialética que está errada ou é um método equivocado de esquadrihar a realidade, mas o mundo que ainda não sabe como agir com a possibilidade do não-idêntico. Mesmo as experiências de mudança material na sociedade acabam por desembocar em um retorno ao princípio de identidade totalizante, seja no pensamento como na política, se não existir uma abertura à esta não-identidade. Afinal, o fascismo, a epitome do pensamento identitário, nada mais é que a prova de uma revolução perdida.

Auto-crítica: a tarefa da filosofia em tempos difíceis

Sair da abstração auto-referente na qual se isolou e voltar ao concreto como uma forma de resgatar seu potencial contestador, reconciliando teoria e prática: eis a tarefa que a filosofia precisa tomar para si diante de seu tradicional esfacelamento, pois nunca se preocupou com outra coisa que não fosse ela mesma, jamais assumiu que sempre apenas falou de si mesma. Para isso, a conhecida fórmula frankfurtiana de ser pessimista na inteligência, mas otimista na vontade usa armas como a ironia para se desdobrar sobre um projeto filosófico específico: a realização da filosofia por Marx e pelo hegelianismo de esquerda.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Uma pergunta constante para Adorno é: qual a verdadeira possibilidade de emancipação se, de um lado, as esperanças na revolução fracassaram (fato evidente com a ascensão stalinista) e, do outro lado, assiste-se de forma apática (ou até mesmo efusiva) a perpetuação de um estado de não-emancipação no capitalismo mais avançado. Se realmente o projeto de realização da filosofia fracassou, é daí que pode surgir a possibilidade da filosofia contemporânea superar as aporias que a crise do idealismo nos coloca.

O pensamento dialético se mostra a ferramenta privilegiada para tal tarefa por sua plasticidade: conforme SAFATLE (2012), “a dialética demonstra que toda enunciação filosófica é uma enunciação em situação^{xi}”, isto é, ela molda-se de acordo com a exigência do tempo presente. Nem um método, nem uma visão de mundo. Uma constelação para compreender um mundo que não é mais o que o idealismo dava conta – ou buscava dar conta. Uma máquina de linguagem que expande por dentro o sentido do conceito até sua dissolução. Ou, na definição usada por Paulo Arantes em sua crítica a Lebrun, a dialética é

(...) uma espécie de revolução discursiva sem precedentes, uma ‘máquina de linguagem’ especializada em pulverizar as categorias petrificadas, as fixações arcaicas do pensamento dito ‘representativo’, encarnado pelo famigerado (depois do Idealismo Alemão) Entendimento. Comprimidas por tal engrenagem, as significações correntes se punham a flutuar para finalmente confessar que no fundo não eram nada mesmo, a não ser um ninho de contradições cujo resultado se desmanchava no ar, Não havia doutrina portanto, nada a ensinar ou informar. A Dialética, no final das contas, nada mais era do que uma maneira de falar.^{xii}

Adorno tem noção clara de que as filosofias que “disputam um lugar no mercado da teoria^{xiii}” (ou seja, as que dominam o debate filosófico da época e talvez até hoje, o que demonstraria a perda de potencial da filosofia e sua redução a um exercício diletante nas torres de marfim) não tem o idealismo em seu foco crítico – ao contrário, acabam por retornar a ele em alguns instantes por não terem a capacidade dialética de tensionamento e acabarem retornando ao



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

princípio da identidade e ao pensamento representativo. Sua insistência neste *approach* crítico é explicável pela dialética entre pensamento e emancipação: se o idealismo buscava a emancipação do ser humano, o sentido de totalidade da experiência é uma pretensão presente em toda a história da filosofia, tentando ajustar à força a realidade ao conceito.

Paradoxalmente, mesmo que o idealismo tenha tido um papel de emancipação na formação da sociedade burguesa, esta acabou realizando tal promessa de forma perversa. O capitalismo contemporâneo subsume todo singular à totalidade de sua lógica de funcionamento. Ressoando este diagnóstico, a crítica da metafísica de Adorno não se baseia em um abandono ou em seu extermínio com o intuito de fundar uma nova ontologia, uma nova metafísica. Isso cheira a totalitarismo identitário, em vários sentidos.

Adorno não busca, em seu projeto, o isolamento ou a negação da legitimidade da proposta contemporânea em conferir sentido à realidade, seja por categorizações subjetivas ou por uma incapacidade do sujeito em satisfazer. Seu foco é realizar a libertação do pensar pelo confronto desta proposta com a impossibilidade atual de sua realização. Qualquer tese metafísica que postule que o verdadeiro é o eterno e a realidade é dotada de sentido é um insulto em um mundo após Auschwitz. Mas sem algum horizonte metafísico, a ideia em si de verdade não é pensável. É preciso que haja um momento especulativo.

Recusar-se à conciliação é, paradoxalmente, a possibilidade de ainda existir algum horizonte de expectativa no futuro, para usar a formulação de Paulo Arantes. Somente com a aposta no não-identitário, na sobra, naquilo que permanece para além do conceito – mas partindo do conceito em si – é que é possível evitar a redução do horizonte ao sempre-igual. Isso só pode ser feito por meio da dialética por sua capacidade de ser simultaneamente imanente e transcendente ao objeto: criticar e ao mesmo tempo salvar a metafísica, com isso sendo materialista. Conforme Adorno,



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Dialética não significa nem um mero procedimento do Espírito, por meio do qual ele se furta da obrigatoriedade do seu objeto – em Hegel ela produz literalmente o contrário, o confronto permanente do objeto com seu próprio conceito – nem uma visão de mundo [*Weltanschauung*] em cujo esquema se pudesse colocar à força a realidade. Do mesmo modo que a dialética não se presta a uma definição isolada, ela também não fornece nenhuma. Ela é o esforço imperturbável para conjugar a consciência crítica que a razão tem de si mesma com a experiência crítica dos objetos^{xiv}.

Se este mundo histórico, se esta metafísica histórica não tem salvação, ao mostrarmos isso libertamos tais fantasmas e algo se recupera, algo sobrevive das ruínas. Ao mesmo tempo em que esta pretensão é insuficiente, ela é imprescindível. Por isso a *DN* se dirige contra a identidade entre o pensamento e o objeto pensado recorrendo a “uma auto-reflexão do procedimento conceitual a respeito dos elementos não-conceituais necessários à configuração do pensamento como linguagem^{xv}”.

Segundo Adorno, a linguagem usada na expressão dos conceitos é componente de sua concretude. O pensamento só se configura, inclusive materialmente, via linguagem, notadamente a linguagem escrita (registro) e no choque com o momento histórico de sua formulação – uma continuação de elementos presentes em seu texto *O Ensaio como Forma*. Dizer é agir e entender é práxis. Uma hermenêutica sem metafísica: o sentido do mundo é ressignificado a cada leitura, a cada expressão do pensar em seu tempo presente.

A insistência no negativo, no *não*, é sintomática então: ao invés de uma figura de resignação ou uma abstração técnica para o reforço da identidade, pode-se pensar em negatividade como uma forma única de se referir ao que está além do conceito, ao que está além da determinação identitária ou o que não está predicado à determinação.

Aquilo que deixa de ser dito e que é a forma de “não esmagar a possibilidade^{xvi}” do que possa ser para além da determinação: um devir. O outro



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

campo de possibilidades. O que existe e é inter-dito, entredito, insinuado. A ruína que contém o que se precisa saber para evitarmos nos arruinar.

Num momento histórico de constante ameaça de integração do indivíduo ao sistema social, a não-reconciliação entre indivíduo e totalidade e a irredutibilidade de um singular a universalidades heterônomas são vistas por Adorno como exercícios de negação e resistência articulados em processos de composição da experiência humana individual^{xvii}.

Um *dizer não* que no fundo nos traz a possibilidade de um *sim*, de um *novo*, mas nunca de uma forma feliz ou acomodada. Em um mundo onde o sempre-igual predomina e até mesmo a diferença pode ser vista como subsumida à lógica do consumo – o que a coloca dentro de regras que tendem ao mesmo totalitarismo da qual ela busca se libertar, no pensamento filosófico e na política – é fundamental retomar a negatividade, agora ressignificada, e a dialética como forma de desnudar as possibilidades que estavam ocultas. É fundamental existir Dialética e esta ser Negativa. Talvez a ousadia de Adorno nunca tenha sido tão importante quanto hoje.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Dialética Negativa**. RJ : Zahar, 2009
- _____, O Ensaio como Forma, In: **Notas de Literatura I**. SP : Ed. 34, 2012
- _____, **Três Estudos sobre Hegel**. SP : UNESP, 2013
- ARANHA, M. L. A. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. SP : Moderna, 2006
- ARANTES, P. Hegel: frente e verso. **Revista Discurso**. V. 22, pp 153-165
- GATTI, L. Exercícios do pensamento: dialética negativa. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo , n. 85, p. 261-270, 2009 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002009000300012&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Dec. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002009000300012>.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

MUSSE, R. **Cinco verbetes sobre Theodor W.Adorno**. Blog da Boitempo. Disp. Em <https://blogdaboitempo.com.br/2015/11/19/5-verbetes-sobre-theodor-w-adorno/>

SAFATLE, V. Os desdobramentos da dialética (prefácio) in ADORNO, T. **Três Estudos sobre Hegel**. SP : UNESP, 2013

_____, **Dialética hegeliana, dialética marxista, dialética adorniana**. Curso de pós-graduação. 1º semestre 2012. FFLCH/Universidade de São Paulo

ⁱ DN, p. 20

ⁱⁱ De acordo com GATTI (2009), a expressiva audiência dos cursos ministrados por Adorno não era indício apenas da penetração da Teoria Crítica entre os estudantes, em particular no movimento estudantil alemão, mas também da permeabilidade de seu pensamento à discussão pública das questões que estavam na ordem do dia.

ⁱⁱⁱ DN, p. 11

^{iv} GATTI, L. 2009, online

^v Adorno parece remeter-se a Marx nesta crítica de uma totalização tida como arbitrária por parte de Hegel, mesmo sabendo que tal crítica não pode ser direcionada de plano ao pensador suábico e que na dialética hegeliana a questão da totalização é bem mais complexa do que parece. A crítica também parece se articular com o ataque deleuziano a Hegel, notadamente pelo retorno ao unitário contido em uma falsa contradição.

^{vi} DN, p. 12

^{vii} ENGELS apud ARANHA, M., 2006, p. 46

^{viii} MUSSE, R. 2015, online

^{ix} GATTI, 2009, online

^x DN, p. 18

^{xi} SAFATLE, 2012

^{xii} ARANTES, 1993, p. 155

^{xiii} DN, p. 13

^{xiv} ADORNO, Três Estudos sobre Hegel, p. 166

^{xv} GATTI, 2009, online

^{xvi} SAFATLE, 2012

^{xvii} GATTI, 2009, online